

SERMÃO NA FESTA DA NATIVIDADE DA BEM-AVENTURADA VIRGEM MARIA¹

*Achard de São Vítor*²

1. *Ego quasi vitis fructificavi suavitatem odoris. Apostoli bonus odor et suavis erant Deo; sed et Virgo Maria odor suavissimus erat sponso suo, de qua etiam ipsi apostoli suum odorem habuerunt. Ipsa etenim se totam contulit Deo in odorem suavitatis; totam, inquam, et in carne per virginitatem, et in mente per devotionem. Cujus suavitatis odor non solum mundum circumquaque perfudit, sed etiam totam civitatem supernam aspersit, usque ad nares Dei perveniens, usque ad illum qui in sinu Patris diu hunc odorem expectaverat atque desideraverat. Non enim in aliquo angelorum poterat invenire talem. Laudabilius etenim est in carne fragili, in carne corrupta, immo mortua propter peccatum, vitam angelicam agere, quam angelum esse. Angelus siquidem,*

1. *Como uma videira, frutifiquei em agradável odor (Eclo 24,23). Os apóstolos eram bons e suaves aromas diante de Deus (cf. 2Cor 2,15); mas a Virgem Maria era um perfume suavíssimo para seu esposo, do qual também os próprios apóstolos recebiam seu aroma. Ela, entretanto, se entregou inteiramente a Deus em [sacrifício de] suave odor (cf. Ex 29,41); totalmente, afirmo-o, na carne pela virgindade, na mente pela devoção. E a suavidade de seu perfume não apenas penetrou o mundo inteiro, mas inclusive se espalhou por toda a cidade celeste, chegando até as narinas de Deus, até Aquele que, no seio do Pai, esperara e desejava por muito tempo esse odor, pois nem mesmo em algum dos Anjos ele pôde encontrar uma tão excelente [fragrância].*

De fato, é mais louvável levar uma vida angélica numa carne frágil, corruptível, e até morta pelo pecado (cf. Rm 8,10), do que

-
- 1) Tradução e notas: Miguel de Souza Ferrari. Bacharel em Filosofia pela Università Pontificia Salesiana, de Roma, pela afiliação com o IFAT, e estudante de Teologia na Universidad Pontificia Bolivariana, de Medellín, pela afiliação com o ITTA. Tradução do texto latino: ACHARDUS A SANCTO VICTORE. Sermo VIII, de Nativitate Beate Marie. In: ACHARD DE SAINT-VICTOR. Textes Philosophiques du Moyen Âge: Sermons inédites. Texte latin avec introductions, notes et tables par Jean Châtillon. Paris: J. Vrin, 1970, v. 17, p. 92-98. Na versão portuguesa, a separação dos parágrafos não numerados foi promovida pelo tradutor, com o intuito de facilitar a ilação entre as ideias contidas no sermão.
- 2) Achard foi um teólogo medieval, nascido no início do séc. XII. De origem inglesa ou normanda, fez seus estudos em Brindlington, na Diocese de York, e depois em Paris, onde ingressou na Abadia de São Vítor. Foi o segundo abade deste mosteiro, sucedendo Gilduin em 1155. Em 1161, foi nomeado Bispo de Avranches, onde permaneceu até sua morte, a 29 de março de 1171 (cf. MIGNON, A. Achard de Saint-Victor. In: VACANT, A.; MANGENOT, E.; AMANN, É. [org.]. *Dictionnaire de Théologie Catholique*. v. 1. Paris: Letouzey et Ané, 1909, col. 309-310).

quod facit in spiritu, facile, sine omni contradictione, hoc peragit. Non enim *caro adversus spiritum* vel *spiritus adversus carnem* in natura angelica repugnat, cum sit simplex et non ex partibus compacta. Unde apostata angelus irrecuperabiliter cecidit, qui nulla infirmitate compellente peccavit. Homo vero aliquid excusationis pretendit, quem fragilitas carnis in peccatum traxit. Genitrix ergo Dei, qua laude digna, quibus laudibus inferenda, que prima inter feminas, sine exemplo, tam gloriosum virginitatis munus in odorem suavissimum Deo obtulit, et unicum Dei Filium hoc odore tam suavi illexit et totum rapuit! Nec ipse moram fecit, sed statim illectus et totus raptus de sinu Patris venit in uterum Virginis. Non enim solum ad eam sed et in eam venit, nec solum in spiritum sed et in carnem Virginis; odorem virginitatis reperiens et odorem sue deitatis secum ferens, de ancilla fecit sponsam, de creatura genitricem.

2. Odorem, inquam, nondum saporem; quicquid etenim in hac vita de Deo sentitur, quasi quidam odor est qui a longe percipitur; sapor vero, antequam quis ipsam rem habeat, teneat et fruatur, non habetur. Nam etsi aliquando quedam libatio a sanctis viris pregustetur, tamen quantum ad ipsam massam

ser um Anjo, posto que aquilo que o Anjo faz em espírito, o realiza facilmente, sem nenhuma tendência contrária. Destarte, na natureza angélica não acontece que *a carne lute contra o espírito* ou *o espírito lute contra a carne* (cf. Gal 5,17), uma vez que ela é simples e não feita de partes.

Donde o anjo apóstata ter caído irremediavelmente, pois pecou sem que nenhuma debilidade o compelisse. O homem, ao contrário, pode pretextar alguma escusa, já que a fraqueza da carne o arrasta ao pecado. Assim, pois, a Mãe de Deus, tão digna de louvor, tão cumulada de louvores, que é a primeira entre as mulheres, sem comparação, ofereceu a Deus o tão glorioso dom, de suavíssimo odor, de sua virgindade, e, por esse perfume tão suave, seduziu o único Filho de Deus e o arrebatou inteiramente!

E Ele não tardou, mas foi imediatamente seduzido e arrebatado do seio do Pai ao seio da Virgem. Não foi somente para junto d'Ela, mas para dentro d'Ela; não apenas ao espírito, mas também à carne da Virgem. Procurando o perfume da virgindade e trazendo consigo o perfume da sua divindade, transformou a escrava em esposa; a criatura em mãe.

2. O odor, digo, não ainda o sabor; com efeito, tudo aquilo que se sente de Deus nesta vida é como um certo perfume que se percebe de longe; o sabor, por sua vez, enquanto não se tem algo para degustar, não se possui. Pois, apesar de a libação ser pregustada pelos santos varões, comparada à sua essência e à sua plenitude, é pouco ou quase nada, à semelhança daqueles

et ad ipsam plenitudinem parum est et velut nichil, veluti nuntii illi qui missi fuerant a filiis Israel in terram promissionis, ut explorarent et considerarent statum, et situm, et qualitatem totius terre, de omnibus fructibus terre tante fertilitatis non nisi botrum reportaverunt. Per hos itaque nuntios congrue intelligimus orationem et meditationem. Jam enim in hac vita affectus et intellectus, sive voluntas et ratio, statum et situm terre vere promissionis, et supernam Jerusalem, et regem Salomonem in decore suo, vellent videre si posset fieri. Sed quoniam *Deum nemo vidit umquam*, sicut scriptum est: *Non videbit me homo et vivet*, mittunt nuntios suos, affectus vel voluntas orationem, intellectus vel ratio meditationem. Qui nuntii reportant quasi botrum, in quo est cibus et potus, oratio videlicet, amorem virtutis, verum cibum affectus et voluntatis. Hoc enim cibo homo interior roboratur; ipsa enim dilectio est nostra fortitudo. Unde in Canticis: *Fortis est sicut mors dilectio*; et: *Aque multe non poterunt extinguere eam*. Meditatio vero reportat cognitionem veritatis, delectabilem potum intellectus et rationis, quo potati sobrie inebriamur. Unde sponsa in Canticis: *Introduxit me in cellam vinariam*; et David: *Inebriabimur ab ubertate domus tue, et in lumine*

emissários que foram enviados pelos filhos de Israel à terra prometida, a fim de a explorarem e analisarem a situação, a disposição e a qualidade de todo território, e que, de todos os frutos daquela terra tão fértil, apenas trouxeram alguns cachos de uva (cf. Nm 13,18-24). Por esses exploradores entendemos propriamente a oração e a meditação. Com efeito, já nesta vida o afeto e o intelecto – ou a vontade e a razão – desejam ver, se possível, a situação e a disposição da verdadeira terra prometida, a Jerusalém celeste, e o rei Salomão em sua glória (cf. Is 33,17; Mt 6,29; Lc 12,27).

Mas, conforme [está escrito] *ninguém jamais viu a Deus* (Jo 1,18; I Jo 4,12), como está escrito: *O homem não pode me ver e viver* (Ex 33,20), cada qual envia seu emissário: o afeto (ou a vontade) envia a oração, o intelecto (ou a razão) envia a meditação. Aquilo que esses mensageiros carregam é semelhante a um cacho de uva, no qual há comida e bebida, ou seja, a oração traz consigo o amor à virtude – o verdadeiro alimento do afeto e da vontade. Por esse alimento, o homem interior é robustecido; nesse amor está a nossa fortaleza, como se diz no Cântico: *O amor é forte como a morte* (Ct 8,6) e *as muitas águas não poderão extingui-lo* (Ct 8,7). A meditação, por sua vez, se reporta ao conhecimento da verdade, delectável bebida do intelecto e da razão, pelo qual nos inebriamos sobriamente, como diz a esposa no Cântico: *Introduziu-me na adega de vinho* (Ct 2,4); e Davi: *Inebriar-nos-emos com a abundância da tua casa, e na tua luz veremos a luz* (cf. Sl 35/36,9-10).

tuo videbimus lumen. Per vectem autem, per quem portaverunt hii duo nuntii, congrue innuitur continuatio que debet esse inter orationem et meditationem; etsi scriptum sit: Semper orate, tamen, ne oratio tepescat, affectus mentis studio meditationis debet accendi, ut in meditatione nostra exardescat ignis; ne rursus meditatio per devia errorum vegetur, per orationem sursum est ad Deum dirigenda. Sic itaque vicissim orationi meditatio et meditationi oratio succedat.

3. Quicquid vero de supernis mittitur nobis, ad gloriosam Dei genitricem est referendum, per quam mediatricem quicquid gratie obtinemus procul dubio habemus. Ipsa etenim est *virga de radice Jesse* egressa, de cujus integritate *flos campi et lilium convallium* ascendit. Virga est Maria, flos filius ejus. Virga pretendit nobis rectitudinem justitie, flos pulchritudinem beate

Pela vara com a qual os dois exploradores carregaram o fruto, indica-se propriamente a continuidade que deve haver entre a oração e a meditação; apesar de estar escrito *orai sempre* (1Ts 5,17), para que a oração não se arrefeça, o afeto da mente deve ser acendido pelo zelo da meditação, a fim de que na nossa meditação se acendam chamas de fogo (cf. Sl 38/39,4); e para a meditação não vagar continuamente por caminhos diversos, ela deve ser elevada e dirigida a Deus pela oração. Assim, portanto, ora a meditação sucede à oração, ora esta àquela.

3. Agora, todos os dons celestes que nos são dados devem ser atribuídos à gloriosa Mãe de Deus, pois sustentamos – sem sombra de dúvida – que recebemos todas as graças por sua mediação.³ De fato, Ela é o *ramo saído da raiz de Jessé* (cf. Is 11,1), de cuja integridade provêm a *flor do campo* e o *lírio dos vales* (Ct 2,1). Maria é o ramo, e seu Filho é a flor.⁴ O ramo nos demonstra a retidão da justiça, e a flor, a pulcritude da bem-aventurança.

3) O tema da mediação universal de Maria é também tratado neste comentário ao Cântico dos Cânticos: “A sua caridade orou incessantemente por todos os homens, e, rezando assim, foi ouvida, como lhe disse o Anjo Gabriel: Encontrei graça diante de Deus (Lc 1,30), ou seja, obtiveste aquilo que desejavas. Ela desejou, pediu e conquistou a salvação de todos; assim, a salvação de todos se deu por seu intermédio, pelo que é chamada ‘salvação do mundo’” (PSEUDO-RICARDO DE SÃO VÍTOR. *Explicat. in Cant. cantic.*, XXVI [PL 196, 482]: “Ad omnes denique homines, ad hos omnes charitas ejus indesinenter oravit, pro his orando exaudita fuit, pro his indesinenter oravit, pro his orando exaudita fuit, dicente ad eam angelo Gabriele: Invenisti gratiam apud Deum (Luc. 1), scilicet, quam quærebas. Omnium salutem desideravit, quæssivit et obtinuit; imo salus omnium per ipsam facta est, unde et mundi salus dicta est”). Também Adão de São Vítor cantou a Medianeira de todos os homens: “Mediadora dos homens, salvação puerpera” (ADÃO DE SÃO VÍTOR. *Sequentiæ*, XXV [PL 196, 1502]: “Mediatrix hominum, / Salutis puerpera”).

4) Ricardo de São Vítor também trata sobre a flor e o ramo como símbolos de Cristo e de Maria, cf. *De comparatione Christi ad florem et Mariæ ad virgam* (PL 196, 1031-1032). Tradução ao português: RICARDO DE SÃO VÍTOR. *Comparação de Cristo com a flor e de Maria com o ramo.* *Lumen Veritatis*, ano 14, n. 52, jul. a set. de 2021, p. 379-381.

vite. Ecce promissio presentis vite et future: vita recta et vita beata. In his ergo duobus finis est omnium que caste desiderantur, vita recta et vita beata. Teneamus igitur virge rectitudinem, ut perveniamus ad floris pulchritudinem; sequamur matrem, ut mereamur pervenire ad filium, et si non possumus per virginitatem, saltem imitemur eam per humilitatem. Non enim omnes oves sequuntur Agnum quocumque ierit, quod solis virginibus est datum, his qui cum mulieribus non sunt coinquinati. Et precipue Virgo Maria secuta est ovis agnum, mater filium, quocumque ivit, que omnimodam habuit perfectionem tam vite active quam contemplative, que non solum virga, sed et virgula in sacris scripturis appellatur. Unde in Canticis, de ipsa dicitur: *Que est ista que ascendit de deserto, sicut virgula fumi ex aromatibus myrræ, et thuris, et universi pulveris pigmentarii? Que*, id est qualis, quibus laudibus extollenda, que non solum mundum, sed et celum circumquaque suavitatis odore perfudit? *Que ascendit*, inquit, gradatim, de virtute in virtutem se promovens, omnes sanctos justitia et beatitudine transcendens, de deserto erroris et infidelitatis Judeorum, in quo Synagoga deserta est a Deo.

Eis a promessa da vida presente e da futura; eis a vida reta e a vida bem-aventurada. Mantenhamos, portanto, a retidão do ramo, para chegarmos à beleza da flor; sigamos a Mãe, para que mereçamos chegar ao Filho; e, se não pudermos imitá-la na virgindade, ao menos a imitemos na humildade. Pois nem todos [fazem parte das] ovelhas que *seguem o Cordeiro aonde quer que vá*, o que só aos virgens é dado, àqueles que *não se contaminaram com mulheres* (Ap 14,4). E, acima de todos, está a Virgem Maria, a ovelha que segue o Cordeiro, a Mãe que segue o Filho aonde quer que vá; a que tem todas as perfeições, tanto da vida ativa quanto da contemplativa, e a que não é chamada somente de ramo pelas Escrituras, mas também de fina coluna,⁵ como se diz no Cântico: *Quem é essa, que sobe do deserto, como uma fina coluna de fumaça, composta de aromas de mirra e de incenso, e de toda a espécie de pó aromático?* (Ct 3,6). *Quem?* Ou seja, com quais louvores deve ser exaltada aquela que envolve não somente o mundo, mas até o céu inteiro com a suavidade de seu perfume? *Que sobe*, isto é, gradativamente, elevando-se de virtude em virtude, transcendendo todos os santos na justiça e na santidade, vinda do deserto do erro e da infidelidade dos judeus, no qual a Sinagoga foi abandonada por Deus.

5) Aqui Achard estabelece um jogo de palavras entre virga (ramo) e virgula (raminho, vergõtea); esta última palavra foi aqui traduzida como “fina coluna”, devido à inexistência da expressão “raminho de fumaça”, em português.

4. Sequitur: *Sicut virgula*, id est celestibus disciplinis extenuata, et gracilis, et subtilis in vita contemplativa. Nec cujuslibet rei virgula, sed *fumi*, inquit, id est levis et agilis, libere alta petens, nullo peccatorum pondere aggravata. Sequitur: *Ex aromatibus myrrae, et thuris, et universi pulveris pigmentarii*. In myrra habemus carnis mortificationem, que consistit in duobus, et in carnis castigatione, et in bonorum operum exercitatione: utroque etenim modo carnalis affectus in nobis mortificatur. In thure vero habemus piam orationis devotionem. Unde David: *Dirigatur oratio mea sicut incensum*. Per universum pulverem pigmentarii habemus universitatem aliarum virtutum, et precipue contemplationem. Unde non dicit: Et aliorum aromatum, sed: *Universi pulveris*, quasi ipsa aromata sint in pulverem quemdam redacta. *Universi*, dicit, propter multipliciter eorum de quibus habetur et surgit contemplatio. Multiplex enim est rerum species, in quibus consistit actio que per myrram, et devotio que per thus designatur, sed longe numerosior est species eorum de quibus et in quibus consistit contemplatio. Per hec tria, videlicet myrram, thus, universum pulverem pigmentarii, habemus tres virtutes, actionem, devotionem, contemplationem, et

4. Continua: *Como uma fina coluna*, isto é, acrisolada pelas disciplinas celestes, grácil e sutil na vida contemplativa. Não é uma fina coluna de qualquer coisa, mas *de fumaça*, ou seja, leve e ágil, que sobe livremente ao céu, sem o peso de nenhum pecado. *Composta de aromas de mirra e de incenso, e de toda a espécie de pó aromático*; na mirra, vemos a mortificação da carne, que consiste em duas coisas: no castigo do corpo e no exercício das boas obras, pois de ambos modos o nosso afeto carnal é mortificado. No incenso, temos a piedosa devoção da oração, donde dizer Davi: *Minha oração suba como o incenso* (Sl 140/141,2).

Em toda espécie de pó aromático, encontramos a totalidade das outras virtudes, e principalmente a da contemplação. Por isso não se diz: *de outros aromas*, mas *de toda espécie de pó*, como se os próprios aromas estivessem reduzidos a um pouco de pó. *Toda espécie*, diz-se, devido à multiplicidade das coisas na qual está contida e de onde surge a contemplação. De fato, há muitas espécies de coisas que encerram em si a ação, representada pela mirra, ou a devoção, designada pelo incenso; mas de longe muito mais numeroso é o gênero de coisas das quais [surge] e nas quais consiste a contemplação. Através desses três elementos, ou seja, a mirra, o incenso e toda espécie de pó aromático, vemos três virtudes: a ação, a devoção e a contemplação, e nessas três todas as outras. A plenitude de todas essas

in his tribus omnes alias. Quarum omnium plenitudo quanta in homine puro esse potuit, in gloriosa et omni laude dignissima Virgine Maria fuit, cujus nativitatem hodie celebramus.

5. Post ejus enim assumptionem et sollempnitatem antiquiorem non fuit contenta devotio fidelium, quin ejusdem nativitatis sollempne superadderet hodiernum, licet ex evangelica auctoritate solius Salvatoris et Johannis Baptiste, Domini precursoris, nativitatem in carne celebremus. Quod nativitas mediatoris Dei et hominum omni devotione veneretur, non est mirum, cum ipso nascente, multitudo celestis militie cecinerit: *Gloria in excelsis Deo, et in terra pax hominibus bone voluntatis*. De nativitate etiam precursoris dictum est ab angelo: *Et multi in nativitate ejus gaudebunt*. Dignum est ergo ut Dei genitricis nativitas festive recolatur, que non minor Johanne, immo privilegio virtutum omnibus sanctis sublimior, que adhuc *ex utero matris sue*, ut credimus, fuit sanctificata. Si Jeremias, si Johannes prius sanctificati quam fuerint nati, quomodo non Maria? Vel si aliquam habuit maculam, non ex nativitate, sed conceptione eam contraxit. Non enim nata est in culpa, etsi concepta

virtudes, o quanto é possível haver em uma mera criatura humana, esteve na gloriosa e digníssima de todos os louvores Virgem Maria, cuja natividade hoje celebramos.

5. Com efeito, a devoção dos fiéis não se contentou com a Assunção e as mais antigas solenidades, mas acrescentou a celebração solene de hoje, a da sua natividade, apesar de – pela autoridade do Evangelho – somente celebrarmos o nascimento carnal do Salvador e o de João Batista, o precursor do Senhor. Não é de se admirar que o natal do Mediador entre Deus e os homens (cf. 1Tm 2,5) seja venerado com toda a devoção, uma vez que, quando Ele nasceu, a multidão da milícia celeste cantou: *Glória a Deus nas alturas, e paz na terra aos homens de boa vontade* (Lc 2,14). E, acerca do nascimento do precursor, disse o anjo: *E muitos se alegrarão com o seu nascimento* (Lc 1,14). Assim, é conveniente que a natividade da Mãe de Deus seja celebrada festivamente, já que Ela não é menor que João, ao contrário, é superior a todos os santos no privilégio das virtudes, e que, como cremos, foi santificada desde o ventre de sua mãe. Se Jeremias (cf. Jr 1,5) e João (cf. Lc 1,15) foram santificados antes de nascer, por que não Maria? E se, porventura, teve alguma mácula, não a contraiu após o nascimento, mas na concepção,⁶ pois

6) Segundo Bachelet, essa é uma “asserção que não tem nada de categórico, é apenas hipotética” (cf. *Dictionnaire de Théologie Catholique* 7, 1028: “assertion qui n’a rien, comme on le voit, de catégorique; elle n’est qu’hypothétique”), o que se explica pela magnitude dos debates ocorridos no

in dolore et pena. Cum igitur sint tres nativitates, una in carne, que est in culpam et penam, que facit nos filios ire; secunda nativitas, que proprie dicitur regeneratio, est in spiritu, secundum quam sumus filii gratie et membra Christi; tertia nativitas est a miseria in gloriam, a pena in beatitudinem. Nativitatem ergo, que est in spiritu, sive regenerationem, nullius sancti recolimus, nisi solius Pauli. Cur hoc? Propter excellentiam sue conversionis, que non per hominem vel ab homine facta est, sed per Jesum Christum, ex toto jam immortalem, jam

Ela não nasceu com a culpa, apesar de concebida na dor e na pena.

Na verdade, há três nascimentos: um na carne, que se dá para a culpa e a pena,⁷ e que nos torna filhos da ira (cf. Ef 2,3); o segundo, que é propriamente chamado regeneração, e é do espírito, nos faz filhos da graça e membros de Cristo (cf. Ef 5,30); o terceiro nascimento é o da miséria para a glória, da pena à bem-aventurança. Não celebramos nenhum nascimento segundo o espírito, ou seja, a regeneração, a não ser o de Paulo.⁸ Por que isso? Por causa da excelência de sua conversão, que não foi feita por um homem, ou por intermédio de um homem, mas pelo próprio Jesus Cristo, já todo imortal, já totalmente deificado, e

século XII sobre a Imaculada Conceição. A opinião dos vitorinos nessa época tende à alegação de que Maria foi santificada no ventre materno, e que não cometeu nenhum pecado posterior, embora não concebida sem pecado: “A Virgem Santa Maria foi toda formosa, pois foi santificada no ventre materno. Ao sair do útero, não cometeu nenhum pecado mortal ou venial. Antes da concepção do Filho de Deus foi protegida de todo pecado pela graça, mas depois disso foi de tal modo confirmada, envolvida e fortificada pela virtude do Altíssimo, que absolutamente não podia cometer nenhuma falta” (PSEUDO-RICARDO DE SÃO VÍTOR. *Explicat. in Cant. cantic.*, XXVI [PL 196, 482]: “Beata Maria virgo tota pulchra fuit, quia sanctificata in utero. Ab utero quoque egressa nec mortale unquam nec veniale commisit. Et ante conceptionem quidem Filii Dei prius per gratiam custodita est a peccatis, post hanc vero ita confirmata est ex virtute Altissimi, obumbrata et roborata, ut peccatum omnino committere non potuerit”). O poeta da escola a cantou como uma flor nascida de um espinheiro, mas que não possuía nenhum espinho de pecado: “Salve, ó sagrada Mãe do Verbo, flor sem espinhos, nascida dentre os espinhos, glória do espinheiro! Nós somos feridos pelos espinhos do pecado, mas tu desconheces esses espinhos” (ADÃO DE SÃO VÍTOR. *Sequentiæ*, XXV [PL 196, 1502]: “Salve, Verbi sacra parens, / Flos de spinis, spina carens, / Flos, spineti gloria. / Nos spinetum, nos peccati / Spina sumus cruentati, / Sed tu spinæ nescia”).

7) Como explica Hugo de São Vítor, todos os homens concebidos no pecado original contraem uma pena e uma culpa, e que o Batismo retira a culpa, mas não a pena: “Quando os que são gerados na pena e na culpa são regenerados pelo sacramento da Redenção, e são limpos pelo espírito da revivificação, do vício original é tirada a culpa, mas não a pena. A culpa é retirada para que sejam justificados, mas a pena permanece para que se exerçam” (HUGO DE SÃO VÍTOR. *De Sacram.*, I, 1, 7, 24 [PL 176, 297]: “Quando vero per sacramentum redemptionis regenerantur qui generati sunt in pœna et culpa; emundatis per spiritum regenerationis in ipso originali vitio tollitur non pœna, sed culpa. Culpa quippe idcirco tollitur ut justificentur, pœna vero idcirco remanet ut exerçantur”).

8) Alusão à oitava litúrgica da festa da Dedicção da Igreja de São Vítor.

totum deificatum, et propter ejusdem laudabilem conversationem que secuta est conversionem. Nativitatem vero sanctorum que est in gloria, pie veneramur et devote, ut eorum meritis et precibus mereamur pervenire ad illam nativitatem Filii Dei, de qua dictum est: *Generationem ejus, quis enarrabit?* Que quidem non habens principium nescit finem, cum sit eterna. Filius enim Dei ab eterno natus est a Deo, et ne existimes quod jam desierit nativitas illa, dicitur quia nascitur semperque nascetur, velut radius solis, ex quo sol fuit, processit a sole et procedit semperque procedet. Ita Filius eternaliter procedit et nascitur a Patre, ad cujus contemplationem et speciem nos perducere dignetur. Amen.

por causa da louvável vida que se seguiu à conversão.

Já o nascimento dos santos para a glória, nós veneramos pia e devotamente, para que mereçamos chegar, por seus méritos e preces, àquela natividade do Filho de Deus, da qual está escrito: *Quem poderá contar a sua geração?* (Is 53,8; At 8,33) que, não tendo princípio, desconhece um fim, pois é eterna. De fato, o Filho de Deus nasceu de Deus desde a eternidade, e não julgues que já se encerrou aquele nascimento, pois, como se diz, nasce e sempre nascerá, à maneira de um raio solar, que era uma parte do sol, mas procedeu do sol, e assim procede e sempre procederá; do mesmo modo, o Filho procede e nasce do Pai eternamente.

Que Ele se digne conduzir-nos à sua contemplação e visão. Amém.